



mário de andrade, eça de queiroz, j. k. rowling: qual a ligação entre esses autores?

Patrícia Trindade Nakagome*

Resumo:

Neste artigo, refletimos sobre o distanciamento existente entre o leitor empírico e a crítica literária, questionando o fato de que, por vezes, a avaliação sobre a qualidade de uma obra termina por se refletir num julgamento do próprio leitor e de sua experiência no ato da leitura. Discutimos que a crítica poderia desempenhar um papel importante na formação de novos leitores, caso se envolvesse num processo de (re)conhecimento do repertório desses sujeitos, com o cuidado de não filtrar o que está no âmbito da “paixão” ao preferir o critério de “valor”.

Palavras-chave:

leitor, leitura, experiência, valor literário.

* Doutoranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada FFLCH/USP. Professora Visitante na Universidade Nacional Timor Lorosa'e – Timor Leste. E-mail para contato: patricia.nakagome@gmail.com

Abstract

In this paper, we aim to reflect on the gap between the empirical reader and literary criticism, questioning the fact that sometimes the evaluation of the quality of a book ends up reflecting a judgment of the reader, and his experience in the act of reading. We argue that literary criticism could play an important role in the formation of new readers, if involved in a process of knowledge and recognition of the repertoire of these subjects, which could not be evaluated just considering the criteria of “value”, as “passion” is also involved.

Keywords:

reader, reading, experience, literary value.

Introdução: Que título é esse?

Caso os três nomes que compõem o título deste artigo fossem apresentados a bacharéis em Letras num exame de múltipla escolha, é bastante provável que, sem nem necessidade de ler a pergunta, Rowling ganharia um “x”. Essa seria a resposta natural a uma forma de exercício bastante comum (desde exames de línguas a testes psicotécnicos), que exige a identificação do elemento estranho dentre as opções apresentadas.

De fato, junto a dois nomes de presença garantida no cânone de língua portuguesa, J. K. Rowling é a opção estranha de diversas formas: única mulher, obra escrita em língua inglesa, autora contemporânea, e, por fim, recordista absoluta de vendas de livros em curto período de tempo.

Apesar de tantos dados concretos que jogam a favor de uma separação de Rowling em relação aos outros escritores, ela é apresentada junto a Mário de Andrade e Eça de Queiroz porque assim o fez uma jovem estudante

de Letras ao ser questionada sobre seu autor favorito: “Não tenho apenas um autor preferido, mas sim vários: Dostoiévski, Émile Zola, Mário de Andrade, Eça de Queiroz, J. K. Rowling, Sophie Kinsella. Suas obras conseguem me afetar.”

Importante indicar, neste momento, que essa resposta foi dada a um questionário entregue a todos os alunos do primeiro ano do curso de Letras da USP, a fim de conhecer seus hábitos de leitura. Como resultado, obtivemos mais de 400 questionários, com dados a serem analisados em tese de doutorado desenvolvida no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada sob orientação da Profa. Dra. Andrea Saad Hossne.

O volume de dados coletado nessa etapa inicial da pesquisa é enorme, causando dificuldades de análise que pontuaremos mais adiante. Neste artigo, optamos por lidar apenas com uma estudante, a quem chamamos de Veronica, então com 18 anos. É dela a resposta que compõe o título deste artigo, o qual dialoga com um possível texto de João Alexandre Barbosa, conforme ele relata em “Literatura nunca é apenas literatura”. Ao refletir sobre sua experiência com um leitor de sua coluna de jornal semanal, escreve:

Recebia cartas muito engraçadas de leitores, às vezes muito sérias. Um deles, seminarista, escreveu-me dizendo que gostava muito dos meus artigos, aprendia muito com eles – fazia, enfim, uma série de elogios –, e terminava dizendo ‘[...] entretanto só tenho a lamentar uma coisa [...] o senhor nunca escreveu sobre três autores pelos quais eu sou extraordinariamente apaixonado: KAFKA, PITIGRILI e Cassandra RIOS.’ Achei extraordinário, sobretudo pensando naquela aluna referida. Sempre lamentei, depois, não ter escrito um artigo com o título *Kafka, Pitigrili e Cassandra Rios*, para discutir um pouco da indistinação, da incapacidade de discriminar

valores. Pode ser um vício de professor já mais ou menos velho, mas continuo achando fundamental isso. (Barbosa, 1994, p. 26)

A citação revela que crítico e leitor têm critérios diferentes quando se colocam diante dos autores Kafka, Pitigrilli e Rios: de um lado, valores; de outro, paixão. Discutiremos aqui as implicações advindas desse duplo critério de leitura, algo que não precisa ser reconhecido pelo leitor ingênuo, mas deve sempre ser considerado pelo leitor crítico, o qual, como aponta o próprio Barbosa em outro texto (1991), é, em um primeiro momento, ele mesmo ingênuo, por seu “movimento de simpatia e empatia para com o que está lendo.”

Nesse sentido, podemos dizer que nosso olhar sobre a escolha de autores feita por Veronica passa por um filtro que busca considerar essa paixão e, principalmente, a experiência de leitura trazida pelos livros e autores mencionados. Como apontaremos ao longo deste artigo, levar em conta esse fator subjetivo e individual pode ser um dos pontos necessários a uma crítica preocupada com a questão do leitor na contemporaneidade: para além de seu julgamento, visando à sua formação.

Assim, respondendo à pergunta lançada na introdução: o título desse artigo traz nomes que, sabemos, possuem lugar muito diferenciado na tradição literária. Mas, e principalmente, traz nomes que, segundo o olhar do leitor, ou ao menos de um leitor específico, são responsáveis por obras de igual significância para sua formação. Vejamos, nessa linha, outra resposta dada por Veronica:

Não sei ao certo qual “o” livro que foi mais importante para mim, mas alguns certamente mudaram a minha vida: *Cinco minutos / A viúvinha* (reunidos em um livro), *Primo Basílio*, *Paraíso das Damas*, *Harry Potter* (todos), *Madame Bovary* e *O Idiota*. Esses foram livros que li ininterruptamente e que mudaram a minha

vida porque me ajudaram a perceber o poder da literatura.

Na elaboração da pergunta, intencionalmente, questionava-se “o livro” mais importante, sem um julgamento do que caberia ou não como literário. No entanto, a estudante vale-se do termo “literatura” para se referir às obras que lhe fundaram, mudando o rumo de sua vida. Diante de tal afirmação, talvez seja possível lançar outra pergunta decorrente da resposta dada àquela colocada na nossa introdução: ao considerarmos que não é literatura o que as pessoas assim denominam, não estaríamos, de modo indireto, fazendo um juízo da experiência dessas pessoas, não apenas das obras que elas leem?

Embora possa parecer de início, tal questionamento não busca levar a mais um momento de oposição entre os estudos literários e culturais. Pretendemos mostrar que nossa reflexão vai por caminhos diferentes dessa via recorrente, que se vê, por exemplo, na tese de Pelisoli, quando discute a recepção exatamente da obra de J. K. Rowling:

Enquanto um best-seller, quando assim pautado, geralmente tem como depreciadores aqueles que preferem os clássicos (e que propõem o cânone erudito) e, por outro lado, tem a ala da cultura de massa como defensora, que aplaude antes o gosto pela leitura do que o “gosto” como valoração em si mesmo. (2011, p. 52-3)

Acreditamos que o debate crítico perde em polarizações como essa. Na oposição fácil entre o canônico e o de massa, deixa-se de discutir interfaces concretas entre esses dois pólos, como o caso da leitora apresentada, que gosta e valora igualmente títulos pertencentes a esses dois campos. Nesse sentido, o que propomos não é questionar a “natureza” da obra, mas o fato de que livros avaliados pela crítica de forma tão distinta podem ocupar lugares semelhantes naquilo que cada leitor avalia

como significativo e, por que não dizer, como literatura. O leitor real, e a sua relação com obras variadas, é objeto de diferentes áreas do conhecimento.¹ Porém, segundo nos consta, isso pouco ocorre na crítica literária, a qual, por seu papel na valoração das obras, tem efeito direto sobre a formação de novos leitores, que terão na escola acesso aquilo que foi, ao longo do tempo, cristalizado por esses leitores especializados².

Como talvez já tenha sido possível notar, este artigo é marcado pela interrogação, muito mais do que pela tentativa de resposta certa. Trata-se, como anunciado antes, da apreensão de um momento sensível de uma pesquisa de doutorado que se defronta com os leitores, suas vidas e leituras. E diante disso, há uma redefinição de caminhos, com a manifestação de dúvidas e as tentativas, possivelmente até inocentes, de formular hipóteses.

Paulo Coelho e Harry Potter: apenas ícones?

Juntamos neste subtítulo um autor e um personagem. Embora eles possuam estatuto literário diferente, o fato é que, nos dois casos, o que está em jogo não são os nomes, mas sim as marcas, os ícones que representam. Não há como negar, então, a força da indústria cultural sobre a divulgação e circulação não apenas dos livros, mas dos diversos produtos relacionados aos nomes de Paulo Coelho e Harry Potter.

O mesmo poder que é investido para alavancar vendas atua sobre a depreciação dessas obras em meios de leituras mais “sofisticadas”. Talvez isso explique por que, na pergunta sobre o “livro mais importante” de nosso questionário, nenhum estudante de Letras tenha mencionado qualquer livro de Paulo Coelho, embora a variedade de resposta tenha sido ampla, com mais de cem títulos citados.

Curiosamente, em dados que não podem ser mensurados, alguns Pós-graduandos, numa atitude quase de

“confissão”, dizem que, sim, liam (e gostavam muito de) Paulo Coelho antes de entrar na universidade. Alguns disseram que nunca mais leram obras do autor até porque, segundo um deles, “nunca mais consegui ler nada que quisesse mesmo”.

A diferença entre o que se diz para os amigos em conversas informais e aquilo que se registra para um pesquisador em questionários e entrevistas revela as marcas do processo “formativo” que a escolarização deixa sobre os leitores. Nas palavras de Abreu:

Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social. Uma pessoa que queira passar de si uma imagem de erudição falará de livros de James Joyce, mas não das obras de Paulo Coelho. Essa mesma pessoa, se tiver de externar ideias sobre Paulo Coelho, dirá que o desaprova. Mesmo que não tenha entendido nada de *Ulisses* ou tenha se emocionado lendo *O alquimista*.

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. *Alguns* aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que *quase todos* aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal. (2006, p.19)

No seu pequeno livro aparentemente desprezioso, Márcia Abreu lança questões bastante complexas desde a apresentação: “Há livros bons em si? Todos devem apreciar o mesmo tipo de texto? [...] Há uma maneira correta de ler literatura?” (2006, p10). As respostas são traçadas com leveza, ironia, revelando a fragilidade de alguns posicionamentos críticos, como ocorre, por exemplo, no comentário de Davi Arrigucci Jr. sobre a obra de Coelho: “Não li e não gostei” (2006, p.19). Esse breve comentário é bastante revelador da forma negativa como a crítica pode se posicionar publicamente. É, no mínimo, difícil justificar como um crítico de tamanha

envergadura se exige de emitir um parecer fundamentado sobre uma obra. Na sua atitude, estão abertas as portas para aquilo que professores nas escolas mais abominam, ou seja, exatamente o “não li e não gostei”, contra o qual se responde: “tem que ler primeiro para saber se não gosta”, algo tão antigo quanto os conselhos dos pais: “tem que experimentar o brócolis, menino, para saber mesmo se não gosta”.

No trecho transcrito do livro de Abreu, há uma contraposição entre Joyce e Coelho, sendo o primeiro tomado como representante daquilo que tem “valor”, e o segundo, como se viu acima, do que nem merece ser lido. Diante disso, lembramos de uma recente polêmica envolvendo esses mesmos nomes. Coelho, em entrevista à *Folha de São Paulo* (04/08/2012), criticou *Ulysses*, afirmando que ali não haveria nada, apenas uma preocupação com o estilo, sendo, portanto, obra escrita para impressionar outros escritores, não os leitores. Suas afirmações geraram grande repercussão, inclusive no exterior, especialmente no *Guardian*, ao que Coelho respondeu: “Guardian diz que insultei leitores de *Ulysses*. E meus leitores, insultados todos estes anos?”.

Não pretendemos discutir o mérito da avaliação que Paulo Coelho faz sobre *Ulysses*. Aqui, interessa-nos aquilo que envolve o leitor. A esse respeito, vejamos o comentário do crítico do *Guardian*:

The real slander is to the reader, or rather, to readers. Note how the anti-Joyceans have all read him and then tell readers he’s not for them: too difficult, too abstruse, too weird – with the “for you” hanging in the background. I’ve been there, they say, and you wouldn’t like it. It is an attitude that surreptitiously belittles the reader.

O título do artigo “Paulo Coelho’s attack on *Ulysses* insults readers” já traz um ponto interessante, desdobrado no trecho transcrito acima: a crítica feita a uma obra

é uma crítica feita aos seus leitores? Será que dizer que um livro é muito difícil tem peso diferente de dizer que um livro sequer merece ser lido? Se é assim, teria razão Paulo Coelho ao dizer que seus leitores foram “insultados” todos esses anos?

Essa discussão parece revelar que há, sim, entre a crítica, um olhar para o leitor que está por trás da obra. Mas isso só ocorre quando esse leitor é alguém como eu, que escrevo um artigo acadêmico, ou você, que o lê. O mesmo não é válido para leitores que pouco ou nada têm acesso a esse espaço simbólico. Nesses casos, nem se discute quando um crítico aponta, como faz Barbosa, a “incapacidade” dos leitores de “discriminar valores”, nem quando outro afirma que os livros preferidos deles sequer merecem ser lidos.

No âmbito acadêmico, até onde eu saiba, há poucas discussões a esse respeito. Lembro de uma corajosa dissertação, defendida há quase 15 anos, que tratava dos leitores de Coelho, em que a autora, Otacília França (1998), reconhece também seu interesse por *O Alquimista*. Pelo fato de o autor, conforme indicado antes, ser reconhecido como um ícone, uma marca, poucos trabalhos se voltam para sua obra, ou sequer para tentar entender o que, para além do senso comum, leva a tanta gente se interessar por ela. É necessária a análise do texto, buscando mostrar onde está o seu valor (se ali existir) ou, como outra possibilidade, o modo como o nosso tempo (inclusive no que tem de negativo) está inscrito naquelas páginas.

Difícilmente Coelho será objeto de muitos estudos críticos se tão poucos admitem sequer haver lido algo de sua obra. E assim o autor que leva milhões de pessoas às livrarias é praticamente ignorado. Com isso, damos a mensagem de que o correto a fazer é negar a experiência que os leitores têm com seus livros, ainda que gostem de lê-los, que os tenham lido no passado ou conheçam pessoas que os tomem como importante referência.

No caso de Harry Potter, o outro nome a que nos detemos neste momento, a situação é um pouco diferente. Na pesquisa que realizamos com os alunos de Letras, os livros da série foram os mais citados na pergunta aberta já mencionada sobre o livro “mais importante” para aqueles sujeitos. Os livros de Rowling somaram mais menções que o segundo e terceiro colocados juntos, respectivamente: *O Pequeno Príncipe* e *Dom Casmurro*. Acreditamos que os leitores não têm a mesma dificuldade para citar a obra de J. K. Rowling porque o filtro que se impõe sobre ela é menos forte: os estudantes, em sua maioria jovens, foram formados numa época em que muitos (com pouca distinção de nível social ou de escolarização) liam esses livros. Além disso, o fato de a autora ter conseguido o “feito” de atrair muitas crianças e adolescentes para a leitura já fazia com que sua obra fosse vista através de olhos menos duros, embora sua qualidade tenha sido objeto de duras críticas.

Harold Bloom, por exemplo, escreveu um artigo (2000) cujo título se assenta numa pergunta com resposta direta: “35 milhões de compradores de livros podem estar errados? Sim.” O autor refere-se à obra de Rowling, da qual leu *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Deve-se, já de princípio, reconhecer o mérito de Bloom por ter feito sua crítica a partir da leitura efetiva do livro, cujo modelo fundamental ele localiza na obra de Thomas Hughes, *Tom Brown’s School Day*, o qual teria sido revisto no “espelho mágico de Tolkien”. A partir de sua análise, ele revela a pouca originalidade da obra, o que o faz denominar os leitores de Harry Potter como “milhões de leitores não-leitores” e, de forma indireta, como não sendo inteligentes, já que diz ter “nostalgia de que uma fantasia mais literária encante (podemos dizer) crianças inteligentes de todas as idades.”

Novamente, o leitor está em julgamento, não somente a obra. A respeito desse tipo de atitude, comenta Lajolo:

É melhor tentar entender o gosto dos leitores em vez de avaliar se o gosto alheio está certo ou errado. Mas a atitude de Bloom não é nova: a crítica literária quase nunca aprova obras de grande circulação. É um policiamento: se todos gostam, não é bom. Basta lembrar no Brasil os casos de Jorge Amado e Erico Verissimo, de público fiel e maltratados pela crítica. (LAJOLO, 2007)

Concordamos com Lajolo que há um receio constante em relação ao que é massivo, contra o qual já são, mesmo sob pena de desconhecimento, feitos julgamentos negativos, justificados, muitas vezes, como uma crítica profunda a um sistema que transforma cultura em mercadoria. Nesse cenário, paradoxalmente, ler aquilo que é “marginalizado” é visto com muito menos estranheza. As políticas de identidade tornaram aceitável aquilo que é diferente³, mas não se aproximam do que é comum. Nos dois casos, parece-nos, a crítica não deve se pautar pelo “politicamente correto”, de valorização indiscriminada. Trata-se, sim, de valorizar a experiência dos leitores com obras não-canônicas e também a dos autores que vivenciaram o sofrimento que caracteriza as minorias. Isso, no entanto, não significa uma espécie de apologia da valorização desses textos, apenas por haver tristes histórias de vida por trás daquelas narrativas. Trata-se, simplesmente, de um reconhecimento e atenção ao que está além do valor literário, com o cuidado necessário para não desviar o foco de um ataque da obra para o leitor.

Parece-nos somente que deve haver a preocupação de que uma avaliação de valor estético não se torne um julgamento da experiência do sujeito-leitor. Pois acreditamos que tal atitude pode ter consequências negativas para o ensino de literatura e formação de novos leitores.

Cabe aqui o relato de uma situação emblemática daquilo que discutimos neste tópico. Durante a graduação,

encontrei uma colega que acabara de sair com um trabalho nota 10 do gabinete da professora. Num dia de calor, segurei suas coisas para que ela tirasse o moleto. “Nossa, você estava com frio?” “Não, não dava para entrar com a camiseta do Harry Potter para falar com a professora, né?” Essa colega tinha gastado metade do salário para comprar a coleção inteira do Harry Potter com a qual vinha aquela camiseta. Era um motivo de orgulho e uma vergonha.

Essa história é representativa das armadilhas da indústria cultural, que se vale de interesse e paixão para multiplicar a mercadoria? Sim. Mas também, certamente, esse episódio representa o ensinamento primordial das instituições de ensino: o ocultamento do gosto verdadeiro.

O que propomos, portanto, não é a valoração da mercadoria de forma indiscriminada. É apenas uma indicação de que talvez a possibilidade de ouvir, verdadeiramente, a voz dos leitores leve a um acesso mais verdadeiro à relação dos sujeitos com suas obras, à experiência individual que cada um tem com a leitura. Valer-se disso, de algum modo, não poderia ser um caminho para a resistência da literatura?

Consideramos que experiências reais de leitores, especialistas ou comuns, podem oferecer uma possibilidade de acesso a mais leitores, que não se sintam, de princípio, já menosprezados por suas escolhas. Acreditamos que pode ser uma perda o fato de a experiência de leitura não se materializar em conselhos, em indicações de obras, unicamente por ela ter que se ocultar atrás do “academicamente correto”.

Quando se perde a sabedoria, os leitores ficam sujeitos às meras dicas oferecidas pela indústria cultural. Não é possível que nesse mar de ruído e imagem, professores apenas repitam resumos do que deve ser estudado, e a crítica sussurre em espaços onde apenas ela se ouve.

Experiência e literatura: qual experiência e qual literatura?

Harold Bloom questiona se os leitores de Rowling passariam a “prazeres mais difíceis” após ter contato com sua obra. A pergunta, de saída, nos parece complicada por uma avaliação calcada apenas no suposto “valor” literário. Apesar disso, consideramos importante responder a essa questão. Com dados concretos, é possível dizer que sim. Na nossa entrevista, a maioria dos estudantes colocou *Harry Potter* ao lado de obras canônicas, tal como o faz a aluna em que mais nos apoiamos neste artigo. A respeito dessa entrevistada, é interessante notar que embora ela considere algumas obras de fôlego como importantes na sua vida, seleciona, para indicar a um suposto colega, aquela que lhe parece de leitura mais fácil:

Eu sugeriria a ele que lesse a coleção *Harry Potter*, pois é uma coleção que desperta o gosto pela leitura, como percebi ao indicá-la a amigos. Os livros são aparentemente simples, mas têm uma complexidade invisível, escondida, e uma linguagem acessível.

No caso de Veronica, não há apenas uma resposta a um caso hipotético. Ela, de fato, indicou o livro não apenas a um, mas a “amigos”. Talvez, como aponta Bloom, o resultado disso não vá além de “emancipar” momentaneamente os jovens da experiência das telas, de modo que “então talvez não esqueçam completamente a sensação de virar as páginas de um livro, qualquer livro”. Não se sabe se isso é certo. O único que temos é sua hipótese pessimista em contraposição a um exemplo concreto do contrário: alguns estudantes que leem *Harry Potter* junto a outros livros clássicos.

Para continuarmos na linha dos aconselhamentos reais de leitura, tomamos um fato relatado por João Alexandre Barbosa. Uma aluna de Letras foi a ele

pedir recomendações de um livro “importante”, que deveria ser “fininho”. O professor sugeriu *A Metamorfose de Kafka*:

Depois de uns quinze dias, ela retornou e disse-me o seguinte: “Professor, comprei o livro que o senhor indicou, li e detestei. Detestei porque, logo no início dele, se lê que o personagem se transforma num inseto e isso, professor, não é verdade, isso não pode acontecer.” (Barbosa, 1994, p. 22)

Barbosa rebate o comentário da aluna ressaltando o valor da obra, afirmando que a causa de sua estranheza teria, na realidade, desdobramentos poderosos, “agarando a experiência do leitor de uma ou de outra maneira.” Na conclusão do episódio, o professor afirma não saber se a aluna retornou ao livro de Kafka.

É interessante notar que o professor diz que a experiência do leitor seria conquistada com o livro, por sua qualidade inegável. Haveria obras, portanto, capazes de atingirem a todos? Logo depois, surge a resposta: não. “É preciso ter um estoque mínimo, um repertório mínimo, para que seja possível identificar a importância de uma obra ou de um texto literário.” (*Ibidem*)

*O conselho de leitura dado por Barbosa surge em uma situação diferente daquela que propusemos na nossa pesquisa. A aluna dele busca uma entrada ao cânone, e o nosso questionário pedia alguma sugestão de livro que estimulasse a leitura*⁴. Apesar da diferença, consideramos que é possível estabelecer paralelos entre os dois casos. A sugestão de leitura feita por Veronica tem maior chance de acerto em relação à de Barbosa. Ela pensou no grau de dificuldade da leitura, enquanto ele se deteve nas características solicitadas pela estudante, sem questionar qual seria seu repertório. Nesse sentido, acreditamos que seja pertinente lançar outra questão: além de os leitores necessitarem de um repertório mínimo para ler uma determinada obra, não seria

importante conhecer qual é o repertório dos leitores antes de que as sugestões sejam feitas?

Falamos de experiência e repertório do leitor. Mas creio que seja necessário voltar a esses conceitos também para aqueles que se colocam no papel de sugerir leituras. Não queremos negar, claro, a enorme experiência e repertório de Barbosa. O fato é que talvez eles não sejam mobilizados com base naquela leitora que se colocou diante dele. Há, portanto, mérito inegável na sua sugestão. Mas também, não é possível negar, grande chance de fracasso, de que suas palavras mal fossem compreendidas por quem tivesse experiência e repertório tão diferentes dos dele.

Notemos que não há aqui uma valoração de experiência e repertório. Trata-se de mostrar que há o risco de incompatibilidade entre o leitor experiente e o potencial. Assim, o fundamental é que o conselho parta de um verdadeiro leitor, algo que vai além de credenciais⁵, considerando a realidade daquele leitor potencial.

Nesse momento, talvez devamos perguntar: há espaço para esse leitor verdadeiro⁶? Ou, modificando o título do livro de Spivak (2010): pode o leitor falar? E na outra direção: queremos, realmente, escutar esse leitor? Na negativa a essas respostas, parece-nos, cria-se um abismo para a formação de novos leitores.

Muito falamos da importância de ler e da literatura para a formação do homem⁷. Ainda que com dúvida sobre o que define esse objeto, sabemos sempre que ela tem grande sentido e validade. Nem sempre temos uma resposta plenamente satisfatória à questão “Literatura para quê?”, como propõe Compagnon (2009), apesar disso, sempre reforçamos o quanto ela é importante e necessária. O reconhecimento desse valor não faz com que muitos partilhem o importante papel de torná-la mais acessível a todos. Cabe, assim, aos tão comumente criticados professores ou aos livros didáticos, o papel de selecionar o que os estudantes lerão

na escola. Se a literatura está em perigo, como aponta Todorov (2009), isso não se deve apenas ao modo como ela é abordada, mas também à escolha do que é levado aos alunos?

Atualmente, jovens de 14 anos, formados por um ensino ainda profundamente calcado na historiografia literária, são apresentados aos textos do Trovadorismo nas suas primeiras aulas daquilo que a escola chama de Literatura. As dificuldades para a compreensão desses textos são muitas, a começar pelo vocabulário. Ali está materializada o que deve ser a Literatura: algo muito difícil em comparação ao que era feito durante o Ensino Fundamental, em que o foco era a leitura de textos variados⁸.

Acreditamos que, numa proposta de formação que deixe seu aspecto de conformação (Morin, 2003, p. 10), o foco não é apenas a valoração da cultura dos jovens, mas tampouco apenas a legitimação do cânone. A tradição, claro, é valorizada não porque a consideramos como a única fonte de obras boas, mas sim porque ali está um legado de manutenção do mundo, que se irmana com o próprio ato de educação, tal como entende Arendt (2003). Mas juntamente a isso, como pontua a própria filósofa, há a força e o impulso do novo, que demanda seu espaço nesse mundo em construção.

Com receio de ser piegas: é necessário o diálogo, o respeito entre o novo e o tradicional, entre os diferentes tipos de leitores. Afinal, caso acreditemos numa diferença de valores entre as obras, não devemos considerar que isso um dia será compreendido pelos leitores, como aconteceu em algum momento com nós mesmos (leitores críticos que escrevem e leem artigos)?

Retomando uma questão colocada por Walter Benjamin (1987, p.114): "Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?", questionamos: como invocar a experiência diante da juventude, conhecendo e respeitando suas próprias experiências e repertório?

Considerações finais: que artigo é este?

Em livro aparentemente despretensioso, *Literatura em perigo* (2009), Tzvetan Todorov revela o papel formativo desempenhado pela literatura em sua vida e os caminhos que o levaram a tomá-la como objeto de pesquisa. O autor vale-se de suas memórias para reconhecer um desdobramento problemático de seu trabalho: a análise literária pode ter um impacto negativo sobre a formação dos novos leitores, que pouco foram expostos às obras, mas muito aos estudos críticos sobre elas.

O perigo que cerca a literatura, para além daquilo tão bem formulado por Todorov, é não apenas o que acontece no modo como os livros são tratados dentro da escola, mas também na escolha dos livros que são levados para lá e na forma como o conhecimento dos leitores (alunos e professores) é desvalorizado, quando não ridicularizado.

Reforçamos: isso não significa uma apologia ao fim do crivo crítico. Trata-se apenas de uma ponderação de que as obras, embora talvez tenham "valores" literários diferentes, podem ser objeto de valoração semelhante aos olhos do leitor, o qual não deve ser julgado por isso.

Em relação a esse julgamento de valor operado pela crítica, retomamos o livro de Márcia Abreu (2006), em que ela discute questões relacionadas ao posicionamento da crítica na contemporaneidade. Curiosamente, seu livro, publicado em uma coleção de paradidáticos, é também pequenino, despretensioso. Isso parece apontar que o espaço do leitor dentro da Teoria Literária é "menor", reservado, inclusive, a obras "menores". Talvez seja um indício daquilo que Compagnon (2006) afirma sobre o leitor: ele é um "intruso" na área, sendo por isso recorrentemente ignorado:

Assim, a desconfiança em relação ao leitor é – ou foi durante muito tempo – uma atitude amplamente compartilhada nos estudos

literários, caracterizando tanto o positivismo quanto o formalismo, tanto o *New Criticism* quanto o estruturalismo. O leitor empírico, a má compreensão, as falhas da leitura, como ruídos e brumas, perturbam todas essas abordagens, quer digam respeito ao autor ou ao texto. Daí a tentação, em todos esses métodos de ignorar o leitor[...] (Compagnon, 2006, p.143)

De fato, é muito complicado lidar com leitor real. Este artigo, na sua imperfeição, é a prova disso: longe de delinear qualquer certeza, apenas dúvidas e algumas hipóteses frágeis, para tratar da complexidade e da multiplicidade da experiência dos leitores com suas obras preferidas. Este artigo, novamente em sua imperfeição, reforça um impasse atingido na tese de doutoramento. Com questionários respondidos por tantas pessoas, como analisar/ julgar a singularidade de cada experiência? Essa não é uma questão retórica. Por essa razão, coloco aqui novamente o meu e-mail: patricia.nakagome@gmail.com, num espaço que foge à formalidade do gênero por ser uma verdadeira chamada ao diálogo. Acreditando no leitor real, espero, talvez, ter contato com aquele que lê esse texto e pode apontar seus problemas e também alguns caminhos para o desenvolvimento da pesquisa.

Por ora, ao restringir a análise a um sujeito, esbarramos em outra questão: ao destacarmos Veronica, já não estamos selecionando uma das melhores leitoras, reforçando uma diferenciação que consideramos negativa na atitude da crítica literária?

Parece que sim. Esse é um impasse.

Apesar disso, acreditamos que apenas com essa reflexão singularizada conseguimos responder a algumas críticas generalizantes, como as indicadas neste artigo. Veronica não é uma leitora de massa, mas sim uma excelente leitora, com hábito intenso de leitura, senso crítico,

repertório variado e sensibilidade para indicar livros. E lê *Harry Potter* (e não: “apesar de” ler *Harry Potter*).

Referências bibliográficas

ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

ARENDRT, H. “Crise da educação”. “Entre o passado e o futuro”. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

BARBOSA, J. A. “O leitor crítico”. In: Simpósio Usos da Leitura. ECA/USP. São Paulo: EDUSP, 1991.

_____. “Literatura nunca é apenas literatura”. *Série Ideia*, n. 17. São Paulo: FDE, 1994.

BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”. *Obras escolhidas vol 1: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOOM, H. “35 milhões de compradores de livros podem estar errados? Sim.” *Wall Street Journal*, 2/11/2000.

BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1972.

CANDIDO, A. “A literatura e a formação do homem” In *Textos de intervenção*. São Paulo: editora 34, 2002.

CHIAPPINI, L. *Reinvenção da catedral*. São Paulo: Cortez, 2005.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FRANÇA, O. R. de F. Um “best-seller” na mira do leitor: O Alquimista de Paulo Coelho. Dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

LAJOLO, M. Depoimento em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3234&bd=1&pg=1&lg=2007>. Acesso em 10 jul 2011.

MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reforçar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAKAGOME, P.T. "O papel do gênero crônica na formação do leitor no ensino médio." In: MODESTO, A. MIRANDA, D da S; SILVA, J. O.; SOUEID, N. de O.; VELOSO, S. R. de Á. (Org.). *O gênero em diferentes abordagens discursivas*. São Paulo: Paulistana Editora, 2011

OLIVEIRA, G. R. O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino. Dissertação de mestrado, São Paulo: FEUSP, 2008.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.

PELISOLI, A.C.M.D. Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter. Tese de doutorado. PUC-RS, Porto Alegre, 2011.

PIERUCCI, A.F. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROCHA, J.C.de C. "Retorno à Literatura", *Folha de São Paulo*, 28.11.2004, caderno Mais!

SOARES, M.H. A literatura marginal-periférica na escola. Dissertação de mestrado, São Paulo: FEUSP, 2008.

SPIVAK, G.C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Notas

1 Lembremos, por exemplo, dos estudos de Petit (2009) na área de Antropologia, Bosi (1972) na área da Psicologia e das recentes dissertações de mestrado de Oliveira (2008) e Soares (2008) desenvolvidas no âmbito da Educação.

2 Afirma Chiappini: "A mediação da escola é tão fundamental como a da crítica e da imprensa na definição dos padrões literários, na seleção dos autores dignos de figurarem entre os 'monumentos' nacionais e dos excluídos. Estudar essa mediação, escrevendo essa história, confirmaria que a reflexão sobre 'o que é literatura', questão básica da teoria literária, é inseparável da reflexão sobre os múltiplos aspectos da história cultural e social." (2005, p. 232)

3 A esse respeito, lembramos do interessante livro de Pierucci (1999) que discute a problemática envolvendo as reivindicações pela diferença, tema que se tornou fundamental há algumas décadas: "A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se em ritmo acelerado e perturbador a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato, porquanto temos cores diferentes na pele e nos olhos, temos sexo e gênero diferente além de preferências sexuais diferentes, somos diferentes na origem na origem familiar e regional, nas tradições e nos diferentes estilos ou falta de estilo; em suma, somos portadores de pertencas culturais diferentes. Mas somos também diferentes de direito. É o chamado 'direito à diferença', o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente."

4 A pergunta era: "Se um amigo da sua idade, que nunca teve interesse em ler, dissesse que deseja mudar seu hábito de leitura e lhe pedisse uma indicação de livro, qual obra você sugeriria a ele? Por quê?"

5 Consideramos Veronica uma grande leitora, algo que independe do fato de ela ainda estar iniciando sua graduação. As credenciais nem sempre definem o hábito de leitura e o interesse pelos livros. A esse respeito, afirma Rocha: "Formam-se doutores em crítica e teoria literária que não conseguem sustentar uma hora de conversa sobre autores de sua estima." (2004)

6 Lembremos que os leitores estão construindo esses espaços, concretizando, inclusive, uma atitude bastante ativa diante perante a leitura. Isso é perceptível, por exemplo, nas fan fictions, em que, como aponta Pelisoli (2011), teríamos agora o um novo tipo de leitor, o "escritor".

7 Dentre tantos exemplos possíveis, lembramos das palavras de Candido, para quem literatura é aquilo "que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem" (2002, p.80).

8 Discorremos mais sobre esse assunto em Nakagome, 2011, indicando o vão que separa a experiência de leitura dos estudantes no nível fundamental e médio.